

Evandro Valentim de Melo
(Org.)

**A INFÂNCIA
EM BELEZA
E SIMPLICIDADE**
EM CONTOS E CRÔNICAS 2021



Terra



BELEZA E SIMPLICIDADE

CONCURSO LITERÁRIO EM CONTOS E CRÔNICAS

Evandro Valentim de Melo
(Org.)

**A INFÂNCIA
EM BELEZA
E SIMPLICIDADE**
EM CONTOS E CRÔNICAS 2021



Uberlândia (MG)
2021

Terra

© Evandro Valentim de Melo, 2021.

Projeto gráfico | Assis Editora
Revisão gramatical | Dos autores
Revisão técnica | João Davi Resende
Capista | Ivone Gomes de Assis
Prefácio | Rogério Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

I36

A infância em beleza e simplicidade, em contos e crônicas
2021 [livro eletrônico] / organizado por Evandro Valentim de
Melo. - Uberlândia (MG) : Assis Editora, 2021.
96 p. il. 14x21cm

ISBN: 978-65-87354-34-7 (eBook)

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras I. Melo, Evandro
Valentim de

21-3162

CDD B869
CDU 82-3(81)

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

**Direitos Reservados em Língua Portuguesa à
ASSIS EDITORA LTDA.**

Rua José Antônio Teodoro, 76 – Aparecida

CEP: 38400-772 – Uberlândia/MG

Telefone: (34) 3222-6033

www.assiseditora.com.br / assis@assiseditora.com.br

Reprodução proibida sem prévia autorização.

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

2021

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
Rogério Silva	
APRESENTAÇÃO	9
Evandro Valentim de Melo	
DOS AMORES DIVIDIDOS E MULTIPLICADOS	11
Regina Ruth Rincon Caires	

CONTOS

O VENTO	15
Marco Antonio Sloboda Cortez	
FÉRIAS NA ROÇA.....	19
Bruna Mello de Cenço	
PRIMEIRO O EXAME, DEPOIS OS BISCOITOS	23
Elisa Santana Cunha	
TAGLIATELLE	27
Ana Carolina Bolzani Mozetic	
INOCÊNCIA	31
André Álvares Meira	
PARA VOCÊ COLORIR A SUA VIDA.....	35
Daniela Simone Terehoff Merino	

CACHOEIRA POEIRA D'ÁGUA.....	39
Júlio César Oliveira Souza	
A MENINA QUE VENDIA BANANADA.....	43
Mozileide Neri	
PROMESSA.....	47
Reinaldo da Silva Fernandes	
COR DE VINHO.....	49
Waléria de Jesus Barbosa Soares	

CRÔNICAS

A GAROTINHA VITORIOSA.....	53
Arzório Alberto Cardoso	
QUEM AINDA FAZ XIXI NA CAMA?.....	57
Renata Campagner Maximiano	
SOU IGUAL A VOCÊS.....	61
André Machado de Azevedo	
INFÂNCIA.....	65
Carla Cintia Conteiro	
O QUE NOS RESTA.....	69
Giselle Fiorini Bohn	
O VOVÔ PISCOU PARA MIM.....	73
Juliana Medeiros dos Santos	
CRÔNICA PARA MEU PAI.....	77
Paulo Cezar Tórtora	
INFÂNCIA É ESPERANÇA.....	81
Pedro Henrique Figueira Basson	
A INFÂNCIA LAVADA NAS ÁGUAS.....	85
Raphael Carmesin	
O AMÁVEL ESTRANHO.....	89
Ronaldo Dória dos Santos Júnior	
BIOGRAFIAS RESUMIDAS DO JÚRI.....	93

PREFÁCIO

Eu já tomei banho de chuva na roça e voltei pra casa com lama do dedão do pé até o último fio de cabelo. Já beijei namorada escondido na capela. Já fiz brigadeiro de colher de lata de leite Moça roubada da cozinha da escola. Meus pecados são confessáveis, reconheço. E é bem possível que pouco despertem o interesse de um leitor pelas minhas aventuras. Mas se pararmos pra pensar bem, o que é a vida senão uma salada de relatos do cotidiano, da simplicidade de viver?

Regina Caires nos presenteia com a narração de amores divididos e multiplicados. Uma pérola de sensibilidade sobre o que há de mais humano na natureza em forma de vó. O texto derrama açúcar de tanta doçura que nos traz e é só um naco de gentileza dos escribas que, orgulhosamente, são organizados pela mente talentosa de Evandro Valentim. Ensaísta dos bons que tive o prazer de conhecer neste Cerrado abençoado do Centro-Oeste brasileiro.

O dia a dia, em geral, ganha contornos criativos, ameaço dizer fantasiosos, quando ditos pelo escritor. Talvez tenha uns exagerozinhos aqui e acolá, mas não fazem mal. São do tamanho dos meus pecados.

O Vento de Marco Cortez nos arrasta para uma realidade difícil, que só será bem compreendida pela próxima geração, a pandemia. Os prisioneiros dentro de casa, a privação do prazer, o medo do vírus. A máscara que nos bloqueia o cheiro do vento.

Menino da cidade não sabe o que é viver sem energia elétrica e internet. É bom. É tão bom. É bom demais da conta. Ainda mais numa temporada de férias na roça de Bruna Mello de Cenço. De lá eu pesco uma expressão pra vida: “Conversar em silêncio”. Sabe o que é isso não? Fuça lá no conto da moça. Leia, feche os

olhos, sinta o aroma da chuva no mato e compreenda a presença do outro a te falar sem dizer nada.

Um dia, todos nós vamos envelhecer. E meu filho adolescente me fez uma revelação tão óbvia, mas nunca havia refletido sobre isso: “Pai, você sabia que a cada dia que passa, há menos pessoas mais velhas que você no mundo?” Que trem mais esquisito! E não é que o moleque está certo mesmo? A vida é sopra. Sopra na nossa cara todo o tempo. E o tempo vai indo, vai indo...

E qual o tamanho da nossa paciência com essas pessoas mais velhas cuja memória começa a falhar? A Ana Carolina Bolzani Mozetic – que nome garboso! – me provoca na prosa dela com a sua bisavó. E a Ana é de uma generosidade invejável. Leia e conheça o saboroso Tagliatelle com tempero de bisa.

Pelas páginas que vem por aí, tem conto pra colorir sua vida em mágica que existe de verdade. A triste infância destruída da menina vendedora de bananada. O ponto de vista inocente da criança confrontada com a doença miserável, mas que para ela é troféu. Ixa. Tem história pra mais de metro.

Minhas reverências a Reinaldo da Silva Fernandes, Waléria de Jesus Barbosa Soares, Arzório Alberto Cardoso, Renata Campagner Maximiano e a todos os autores que nos presenteiam com essa obra banhada em tanta dedicação e informalidade.

Ler “A infância em beleza e simplicidade, em contos e crônicas 2021” dá a sensação de ser bem recebido nesta sala de visita, servido com café fresquinho e causos de nos encher os olhos de lágrimas, alargar sorrisos e prender nossa atenção. Esta obra é pra ler numa sentada só. Ou pouco a pouco, quando tiver carência de afago e companhia.

Rogério Silva
Jornalista

APRESENTAÇÃO

Evandro Valentim de Melo
Organizador

Esta é a antologia da 3ª edição do Concurso Literário Beleza e Simplicidade em Contos e Crônicas. Na 1ª, por ser a estreia, o tema foi livre, a fim de abarcar todo mundo que gosta de participar desses desafios. Estabelecida a amizade, na edição seguinte, já houve o convite para uma boa prosa com café entre amigos. O café foi a temática da 2ª edição. A solidez da amizade permitiu que na visita seguinte, os textos trouxessem as crianças. Infância foi o condutor de criação dos contos e das crônicas inscritas.

Nas páginas à frente, apresentamos os 20 textos selecionados, ou melhor 21, pois a esses, se juntou o conto da talentosíssima Regina Ruth Rincon Caires, escritora mui especial convidada do ano. A tripulação se completa com a chegada do querido Rogério Silva, que tive a honra de conhecer pessoalmente e com quem tomei um delicioso café quando de minha visita a Uberlândia. Assim como o livro do Rogério, a conversa foi uma maravilha.

Conduzir um projeto como este, durante tempos tão bichudos, é um alento, um bálsamo.

Gratidão a todos e a todas que participaram e parabéns a autores e autoras dos textos selecionados. A escolha foi a cargo do júri, cujos integrantes são apresentados nas páginas finais da obra, um júri eclético, como sempre foi e sempre será o deste Concurso.



CONVIDADO

ESPECIAL

DOS AMORES DIVIDIDOS E MULTIPLICADOS

Regina Ruth Rincon Caires
Autora convidada

11

Arroz, feijão, mexido de ovo e farofa de torresmo.

Tudo misturado, amassado. Isso era feito dia após dia, sempre nos mesmos velhos e descascados pratos de ágata. Cada neto era servido com esse manjar dos deuses, carinhosamente temperado de generosidade, doação, amor.

A avó compactava a comida no círculo central de cada prato, borrifava algumas gotas de limão-cravo, e com a lateral do garfo fazia uma cruz no centro, dividindo a porção em quatro partes. Dizia que cada parte era dedicada a um dos quatro grandes amores da vida: mãe, pai, avó e avô.

E, comprometidos com esses amores, cada um de nós escolhia a parte mais amada para iniciar a refeição. Quase sempre a sequência lógica prevalecia:

mãe, pai, avó e avô. Raras vezes essa harmonia era quebrada, e quando isso acontecia nem precisava investigar: havia uma surra atrelada a isso. Uma surra dada ou uma surra prometida. Se bem que isso era muito particular. Se havia alguma inversão, ninguém comentava. Acontecia dentro das cabecinhas. Sei que acontecia isso porque invertei algumas vezes.

Enquanto comíamos, a avó, de longe, sempre atarefada com a lida da casa, cautelosamente controlava a nossa alimentação. Era comum ouvir:

– Quem já comeu uma parte? Didi, você está sem fome? Lúcia, a comida não está boa? Faltou sal?

Ela sabia que a comida estava sempre boa. Nunca faltou sal e nem sobrou. Nunca errou a mão em nada. Ali estava o amor mais saboroso que uma criança poderia receber. Era uma cumplicidade de afetos tamanha que espantava qualquer insegurança, qualquer medo, qualquer tristeza. Era um porto seguro.

Com o passar do tempo, fui percebendo que naquela divisão faltavam partes. Havia mais dois amores a serem colocados ali, no meu prato. Meu irmão e minha irmã.

Então, sem alarde, comecei a repartir as porções do pai e da mãe, de modo a serem quatro. Ali estavam os dois que faltavam. E eu ficava feliz assim...

Fiz isso por algum tempo sem ser notada. Quero dizer, pensando não ser notada. Imagina se isso seria possível! Nada escapava da tenência sempre zelosa da avó. E um dia, enquanto eu multiplicava as minhas divisões, ela aproximou-se de mansinho e, com aquele olhar que jorrava ternura, me disse:

– Existem outros amores, não é mesmo, menina?!

Depois do susto, sentindo o afluxo do sangue ruborizando o meu rosto por perceber que ela havia descoberto o meu feito, e não querendo que ela se sentisse afrontada pela minha iniciativa, prontamente coloquei-me de pé. E ela, no intuito de me tranquilizar,

passou as mãos pelos meus cabelos e, com a maior serenidade do mundo, me disse:

- Ao longo da vida, minha neta, você irá encontrar muitos amores. Alguns serão somados, outros nascerão... Serão tantos, mas tantos, que não caberão nem no maior prato do mundo!

E ela estava com a razão.



CONTOS

O VENTO

Marco Antonio Sloboda Cortez
1.º colocado – categoria Conto, 2021

15

Aquilo o que mais me lembro da minha infância é o vento.

Sempre comigo.

Quando no quintal eu corria de pés descalços, o vento bagunçava meus cabelos e misturava meu suor com a poeira do chão de terra batida. No banho, se formava um filete de lama escorrendo pelo meu corpo. Minha mãe só ria!

E eu adorava aquela ventania que vinha antes da chuva de verão! Pegava um dos carretéis de pesca do meu pai e empinava minha pipa de rabiola pesada, pois eu sempre amarrava alguns dos meus bonecos. E a pipa reinava na ventania!

Ah, são tão efêmeras e essenciais as lembranças que me fazem feliz até hoje!

Como eu queria o vento quente do verão aquecendo meu corpo; como eu desejo essa verdade dos pés descalços; como eu anseio redescobrir tudo

de novo, recomeçando a vida nos momentos especiais da minha existência. Confesso que nessa pandemia que assola o mundo, a sensação de liberdade tem sido rara, pois pouco saio e sempre tem essa máscara que incomoda e que não me deixa sentir o cheiro do vento.

– E lá vento tem cheiro? – me perguntou o moleque de pés descalços que segurava minha mão.

Surpreso, olhei para aquela criança que me olhava com olhos grandes e sinceros.

– O que você faz aqui? – eu perguntei – Acho que você está meio perdido no tempo.

– Ah, eu senti saudade e resolvi voltar – ele me respondeu com um olhar matreiro que me lembrou minha infância.

Eu apenas sorri e comecei a correr com ele.

Por um instante sentimos o vento bagunçar nossos cabelos castanhos e depois de um tempo, deitamo-nos os dois, exaustos, no chão de terra batida.

As nuvens corriam rápido no céu azul e ele gritou:

– Olhe: um cachorro!

– Não! – eu disse – É uma foca!

Ele gargalhou um riso que há muito tempo eu não dava e se levantou, gritando: “está com você!”. Fui atrás dele na brincadeira de pique pega que percorria os anos do meu próprio tempo.

A cada passo que dava, o menino se transformava e quando ele parou de correr, eu percebi no seu rosto um leve bigode. Os olhos ainda eram os mesmos, mas o sorriso trazia uma malícia de quem começava a experimentar o mundo. Ele me disse com uma voz já um pouco grave para sua idade.

– Vamos até a praça. É hora da saída da escola e eu quero ver as meninas e suas saias.

Eu sorri e o segui. Sentamo-nos em um banco e ficamos por horas, sonhando com as meninas e falando besteiras impunes e brandas.

Ele me contou alguns sonhos e esperanças para o futuro. Muitas vezes eu me mantive em silêncio para não o decepcionar. Quando estava escurecendo, ele me olhou no fundo dos meus olhos e não era mais um adolescente. Era um homem recém-formado que lutava para manter os cabelos arrumados. Ele disse algo como “vento maldito”, mas não dei atenção, eu sabia que essa fase passaria.

Ele ficou um tempo em silêncio: achava que não tinha mais nada para me dizer. Enfim, se levantou e falou que tinha pressa, pois tinha que chegar dentro do horário no seu primeiro emprego. E assim falando, se despediu com um aceno de mão. Seco e distante, como um dia eu já fui.

Eu fiquei ali parado, sentindo o vento frio doer minhas articulações. “O tempo passou por mim e me deu calafrios”, eu pensei...

De repente, um homem ainda jovem sentou-se a meu lado. Ele trazia um pesado livro em suas mãos. Eu estava calado, olhando para o céu, mas ele cutucou-me e disse:

– A vida pesa!

Eu sorri e completei, meio que aconselhando:

– Mas é tão bela nos ínfimos detalhes! Não se esqueça disso nunca: a beleza está nas coisas pequenas...

Levantamo-nos e saímos a para caminhar.

Ele me acompanhava em meus passos lentos. Por horas ele me contou histórias que eu já não lembrava mais. Trouxe-me os personagens da minha vida e suas emoções. Falou dele, dos desatinos e das alegrias. Contou-me de mim.

Quando chegamos em casa, ele me ajudou a deitar e disse:

– Durma bem, meu velho. Amanhã será um novo dia de ventania e eu estarei contigo de novo.

Deu-me um beijo na testa e desapareceu junto com o vento.



FÉRIAS NA ROÇA

Bruna Mello de Cenço
2.º colocado – categoria Conto, 2021

19

- Gol!
- Agora é minha vez.
- Isso. Já aprendeu como bater?
- Lógico que já. É só pegar assim na pontinha e...

TAC.

O menino, de joelhos em cima da cadeira, se debruçou sobre a mesa antiga que sediava o grande campeonato. Apesar da empolgação, o botão mal se mexeu e a bolinha nem chegou a seu campo de ataque.

- Ah, pai, não adianta. Não consigo.

- Ué, uma rodada atrás você tinha me garantido que era simples, que tinha pegado a manha, não era?

- É, mas... esse jogo não é legal. Podemos fazer outra coisa?

O pai riu. Toda vez que o filho não ganhava queria mudar de brincadeira. Mas, naquele momento, as opções não eram tão abundantes.

– Fazer o quê? Videogame não dá. Estamos sem eletricidade, esqueceu?

– Eu sei. Mas a gente poderia fazer alguma coisa mais... proveitosa, não é? Viemos desde São Paulo até o sítio só para ficar dentro de casa?

O peito de Adriano então se encheu de alegria. Se dependesse de sua mulher, Felipe nunca teria pisado na terra. Tatiana era a típica mulher urbana, sempre ocupada, arrumada, de salto alto, bebendo vinho ou um drink especial. Foi assim que se conheceram e foi assim que ele se apaixonou por ela. E ela, apesar da truculência daquele moço do interior, também se apaixonou por ele.

Felipe era a mistura dos dois. Esperto, divertido, competitivo, às vezes mal-humorado. E, para evitar que o filho crescesse como aqueles meninos de apartamento, que acham que leite vem da caixinha, Adriano decidiu passar as férias no sítio da família, na roça, como eles chamavam. O problema era a chuva.

20

O pai então olhou para a janela antiga, de madeira, com a pintura azul já desgastada por causa dos anos. Do lado de fora da casa, apesar do calor, a chuva caía torrencialmente em meio às árvores da entrada, em uma cena linda de se ver.

– Já te contei de quando ficava assistindo à chuva cair com seu avô?

– Não.

– Então, vem cá.

Pegou o moleque de cinco anos no colo, foram para a varanda e lá começou a apresentar a chuva de uma forma diferente: “sinta o cheiro... ouça o barulho... sinta a brisa que ela traz”.

– Até as cores ficam diferentes em um dia de chuva – disse o pai.

– E o gosto, papai? – o olho dele brilhava.

– Bela tentativa, mas sua mãe nunca ia te deixar tomar chuva.

Suspiro.

- Sabe, quando eu era criança, a gente não tinha computador, tablet. E a TV também não era assim, o dia todo. Então, de vez em quando, eu vinha com seu avô para a varanda e a gente ficava conversando em silêncio.

O menino não entendeu. "O que era conversar em silêncio?"

Adriano ouviu a pergunta, demorou muitos segundos e então respondeu:

- É isso. É conversar só de estar junto, sem precisar usar as palavras.

O menino ficou mudo e se aconchegou no colo do pai. A chuva continuou e o barulho dela caindo no telhado preenchia a ausência de palavras. Depois de um tempo, o pai passou a mão nos cabelos do pequeno e perguntou.

- Você entendeu o que eu disse?

Ele olhou em direção ao pai, sorriu e fez que sim com cabeça.

"Menino esperto", o pai pensou e riu, cheio de orgulho.

- A energia volta daqui a pouco. E a internet é bom que não tenha. Não vê sua mãe, dormindo no meio da tarde? Quando que ela faria isso em São Paulo? Aquela cidade não deixa a gente descansar. Aqui, a gente volta no tempo. Volta a ser criança.

De repente, Tatiana chegou. Ainda com cara de sono, cabelo amarrado, chinelo (ela nunca andava descalça), shorts e regata.

- E aí, o que estão fazendo?

- Estamos conversando em silêncio.

- Legal. Posso fazer parte? - respondeu, sem entender muito.

- Pode! - disse Felipe, resolutivo.

A mãe então se sentou na mureta de tijolinhos e se juntou ao olhar para a chuva.

- Isso me lembra infância, disse o pai.

Ela então se virou para o marido com o olhar mais brilhante que o do filho.

– Mas vocês vão ficar só olhando?

Em seguida, se levantou e os dois se encararam surpresos enquanto ela corria para fora da área coberta.

– Sério? Você, dançando na chuva? – Adriano não acreditava.

Com um sorriso iluminado enquanto recebia o filho, Tatiana disse:

– Esta é a minha memória de infância.

PRIMEIRO O EXAME, DEPOIS OS BISCOITOS

Elisa Santana Cunha
3.º colocado – categoria Conto, 2021

23

– Mãe, cadê os biscoitos?

Já era o terceiro exame de sangue desse ano. O Dr. Chaves estava muito preocupado com a saúde da Sofia. É por conta do histórico da família. Hoje ela teve que fazer o exame de curva glicêmica. Nessas horas eu tinha que me desdobrar para segurá-la na clínica pelo tempo necessário, e acalmar seu pavor em tirar sangue. Ela olhou para mim, insistindo pelos biscoitos de chocolate que por pouco não haviam sido abertos de manhã.

– Filha, eu já falei. Primero o exame, depois os biscoitos.

A nossa senha foi chamada. Eu havia esquecido de confirmar se tinha colocado todos os documentos na bolsa. Respirei aliviada ao vê-los praticamente onde deixei da última vez: identidade, cartão de saúde,

requisição dos exames. Não, eu não sou uma mãe desmiolada, porém já aconteceu de ter que levá-la dois dias seguidos para a clínica, simplesmente pelo fato de ter esquecido algum documento. Ou então não resistir aos seus apelos por comida, meu ponto fraco. Não se nega comida, ainda mais quando esse pedido vem de uma criança com olhar lacrimoso.

Assinei como responsável, e abracei minha filha no colo enquanto esperava a primeira recolhida de sangue. Ela estava começando a pesar: um único minuto era o suficiente para o seu peso me causar formigamento. Mas a clínica estava cheia. E, toda vez que demoram para chamar, preciso distraí-la com livros ilustrados. Entreguei a ela um sobre como é feito o chocolate. Antes ela só passava os olhos pelas imagens, e ficava inventando histórias. Agora sabe ler, e inventa perguntas.

Quando Sofia foi chamada, entrei na sala com ela. Fiquei perturbada por não ser a Dona Eulália tirando sangue, hoje. A mão leve que lida com minha filha desde sempre, a única que consegue acalmar seus ânimos. Essa que estava na sala eu não conhecia.

O choro de Sofia rasgou o ambiente, enquanto ela cruzava os braços com força.

– Filha, calma, eu estou aqui com você. Não confia em mim?

– Vamos menina, não dói. – A voz da novata desequilibrava a minha tentativa de acalmar minha filha, que então aumenta o volume do choro.

– Dói sim, sua vaca!

– Sofia! Não fala assim com a moça. Pede desculpas.

Sofia fungou, dizendo que não, não ia pedir desculpas.

A novata tentou distraí-la com uns brinquedinhos, sem sucesso.

– Sofia, não vai ter doce se você continuar assim – eu disse, tirando o biscoito da bolsa.

Mas isso provocou efeito reverso. Por um segundo ela até me encarou, analisando a situação. Mas ela sabia. Ganharia os biscoitos de qualquer forma. Então esperneou mais forte ainda.

A novata me chamou em um canto:

– Eu tive uma ideia. Eu fiz isso com uma sobrinha minha uma vez, e funcionou. Eu finjo que vou tirar seu sangue. Na verdade, até tiro um pouquinho, e então ela vê que não dói e fica mais tranquila. Podemos tentar isso, mas ninguém lá fora pode ficar sabendo. Eles me matariam. O que você acha?

– Isso é loucura! – eu disse, na mesma hora.

– Foi só uma ideia... Não falo mais.

Mas Sofia começava a fungar mais lento, suave.

– Se a mãe tirar sangue, eu tiro. – Como ela tinha escutado a conversa?

Eu a encarei. Não parecia mais ser a minha garotinha inocente. Ela não tremulava. Estava firme em sua resolução.

Tive que assentir.

A enfermeira preparou a agulha.

Fechei os olhos com força, como se quisesse esmagar o desconforto. Meus trinta e oito anos de segurança desmoronados na frente da minha filha. Vi seu rosto imerso na agulha, imerso no sangue que saía de mim. A sala tremulava, até tudo em volta sumir.

Quando acordo do desmaio, Sofia está na minha frente, segurando os biscoitos.

– Mãe, toma. Você vai precisar.



TAGLIATELLE

Ana Carolina Bolzani Mozetic
Menção honrosa – categoria Conto, 2021

27

– Mas... Você é filha de quem mesmo...? –
Indagou a voz trêmula e confusa de minha bisavó enquanto eu terminava de selecionar os ingredientes para preparar o almoço.

– Sou neta de sua filha mais velha, Laura, e filha da filha mais velha de Laura, Rosana. – Respondi com um tom forte e firme. Sabia exatamente qual a intensidade necessária para que ela me compreendesse em virtude de seu problema auditivo, e sabia também que dentro de alguns minutos teria que responder à mesma pergunta novamente.

O longo intervalo de anos sem visitá-la pesava sobre mim tanto quanto seu corpo envelhecido pesava sobre as pernas que já não lhe suportavam como antes. Recusava-se a usar bengalas, mas cedeu à cadeira de rodas depois de ter sofrido algumas quedas e ter permitido que o medo – ou talvez o cansaço – vencesse a teimosia.

Não entendia direito o motivo de ter passado tanto tempo longe. Mesmo que não vivêssemos em cidades distantes, parecia que o abismo entre nós era imenso, e se aprofundava cada vez mais. Por isso tomei a decisão de vir passar um fim de semana com ela e cozinhar para nós pela primeira vez o mesmo macarrão que ela fazia para mim quando eu era criança.

Ela o chamava de “Taiadele”, o que só muito tempo depois eu entendi como o equivalente ao famoso Tagliatelle. Trata-se de um macarrão feito à mão e cortado em tiras, uma por uma, mas sem se preocupar muito com a largura, o comprimento ou a espessura. Pelo menos foi assim que aprendi com minha bisavó.

Engraçado que hoje em dia essa liberdade na cozinha não me é tão familiar. Sinto que almejo sempre a perfeição, as medidas ideais dos ingredientes, o corte milimétrico da massa, a disposição simétrica dos pratos... E quando criança o divertido era fazer o “Taiadele”: sem muitas regras, com muita espontaneidade. E o melhor de tudo, acompanhada e guiada pela minha bisa.

Conforme nossa tradição, era ela quem preparava a massa, misturando os ingredientes até dar o ponto, quando então permitia que eu também tivesse o prazer de afundar as mãos e depositar minha força e energia naquela mistura. Em seguida ela passava a massa no cilindro para que depois cortássemos juntas as tirinhas. A parte de cozinhar era por conta dela, afinal, na época eu tinha nove anos e não podia mexer no fogão.

Desta vez eu sabia que inverteríamos os papéis, então quando senti que a massa estava no ponto certo entreguei-a em suas mãos quase centenárias e já não tão firmes, que a receberam ávidas e com devoção. Quando ela me devolveu a massa para que a passasse no cilindro vislumbrei o esboço de um sorriso em seus lábios.

Na hora de cortar as tiras, como de costume espalhei a massa por toda a superfície da mesa e deixei que ela me acompanhasse cortando no tempo dela, e fui tão paciente com ela quanto ela era com aquela menina de nove anos.

Ela me observou silenciosa enquanto eu colocava as tiras de macarrão na água fervente e, de vez em quando mexia o molho de galinha caipira que já havia deixado praticamente pronto no dia anterior.

Enquanto eu arrumava a mesa ela perguntou desconfiada:

- Você é filha de quem?

- Sou filha da Rosana, lembra?

Ela piscou e assentiu, suavemente.

Servi o macarrão em uma assadeira de vidro, regando-o com o molho de galinha e queijo ralado por cima e em seguida o coloquei na mesa. Ela fitou o prato e disse pensativa:

- Sabia que aprendi a fazer “Taiadele” quando era criança? E era minha comida preferida.

Olhei-a nos olhos e pela primeira vez ela me pareceu muito jovem, quase uma menina... Uma menina de noventa anos.

Respondi sorridente:

- A minha também.

Depois de darmos a primeira garfada percebi que ela havia fechado os olhos. Eu a imitei e por um momento tive a leve sensação de que tinha voltado no tempo.



INOCÊNCIA

André Álvares Meira
Menção honrosa – categoria Conto, 2021

31

Otavinho foi mais uma criança a engrossar uma dura estatística brasileira: há dois meses fora vítima de um estupro na creche em que estudava, na Zona Leste de São Paulo. Dr. Augusto e Lucília, os pais, viram o chão fugir dos seus pés ao se defrontarem com tão amarga realidade. Completamente atônitos, não sabiam lidar com a inesperada situação que se tornou, de uma hora pra outra, o centro da atenção familiar.

Enquanto a investigação criminal seguia seu curso na 32ª DP da Rua Sabbado D'Angelo, em Itaquera, outra grande preocupação tomava o coração do infeliz casal: a saúde psicológica e física do pequeno Otávio, filho único, nascido de uma penosa conquista, após peregrinarem infrutiferamente por três vezes à uma clínica de reprodução assistida da Capital.

Havia um mês que iniciaram as terapias psicológicas com o pequeno e naquela manhã de garoa fina, Dr. Augusto se dirigia, em companhia do

filhinho, ao laboratório que seu plano indicara para realizar o exame de sangue Anti-HIV que lhes tiraria, definitivamente, o angustiante medo de Otavinho ter contraído o vírus da AIDS.

Envolvido pela decoração colorida da ala infantil, Otavinho esperava sem ansiedade pela sua vez. Chamado, porém, ao interior do ambiente e em face da agulha na mão da enfermeira, desesperou-se! Recusou os mimos e afagos da profissional e não permitiu, por meio algum, a coleta da amostra. Num lance rápido de inteligência, inspirado nas cenas envolventes de A Vida É Bela, Dr. Augusto sugestionou-lhe a acreditar que todos aqueles movimentos eram parte de um grande jogo e que Otavinho deveria suportar com firmeza se quisesse alcançar a vitória...

Convencido pelos eloquentes argumentos do pai, cedeu o bracinho para a coleta, profundamente interessado em, ao lado do pai, se sagrar campeão daquele jogo que, mesmo sem saber ao certo quando começara, estava disposto a vencer no futuro próximo! De volta pra casa olhava orgulhoso o adesivo posto no local do furo, sonhando com os louros da glória!

Na manhã em que Lucília colhia o resultado do exame no site do laboratório, Dr. Augusto não percebeu, ansioso que estava, que junto à porta do quarto entreaberta, dois ouvidinhos atentos escutavam o diálogo do casal.

- Veja você mesmo, Augusto - disse profundamente abatida a pesarosa mãe, apontando com o dedo para a tela do computador - minha vida acabou!

- Não é possível! Eu não posso acreditar, Lucília! Isso não pode ser verdade! Isso não pode estar acontecendo com a gente...

Confuso sobre o que conversavam seus pais, Otavinho interrompeu tristinho:

- Perdemos o jogo, Papai?

Ao ouvi-lo, o arguto advogado reuniu forças não se sabe de onde, mas não condescendeu com a sorte tirana que se abatia sobre a vida do filho naquele exato instante. De advogado se fez ator e voltou-se para ele com um sorriso e uma vibração digna do próprio Roberto Benigni. Num misto de instinto paterno, insanidade e amor, gritou-lhe com os braços sinalizando vitória:

- Vencemos, meu filho! Vencemos! Você tem AIDS! Você tem AIDS!

E o abraçou, agarrando-lhe profundamente ao peito, como nunca fizera antes. Otavinho deixou o quarto com um largo sorriso de alegria estampado no rosto. Dr. Augusto virou-se aturdido, molhado em lágrimas, sem saber ao certo nem mesmo onde estava, nem o que seria da vida após tão fatídica notícia. Limitou-se a uma instrução breve e prudente à esposa:

- Não fale nada a ninguém, Lucília! Sabe como são as pessoas... À noite conversamos melhor. Eu não tenho palavras...

Apanhou a pasta, recolheu as chaves do carro e tomou a direção da sala. Topou com Sônia, a empregada, que chegava ao trabalho, sorrindo às gargalhadas.

- Crianças são mesmo uma graça, né Doutor?

- Ah? Quem? O quê?

- Otavinho!

- Otavinho? O que tem Otavinho? Cadê ele?

E Sônia explicou-lhe, imitando com os braços arribados, como Otavinho fazia, radiante, ao descer as escadas:

- Saiu gritando pra todo mundo: "Eu ganhei! Eu ganhei! Eu tenho AIDS! Eu tenho AIDS!"



PARA VOCÊ COLORIR A SUA VIDA

Daniela Simone Terehoff Merino
Menção honrosa – categoria Conto, 2021

35

Quando a professora Marta começou a chamar um por um lá na frente e Miguel apareceu sem nenhum trabalho para mostrar, a classe inteira se agitou. Alguns alunos cochichavam, prevendo o sermão da professora, conhecida como a mais feroz da escola; outros riam abertamente, apontando com seus dedinhos para Miguel que se contorcia como uma lagartixa amedrontada.

– Eu vou perguntar mais uma vez, meu querido: – disse a professora – cadê o desenho? Por acaso você esqueceu que a atividade era para hoje?

Miguel continuou em silêncio. Olhava para os próprios pés, balançando o corpo, ao mesmo tempo em que abria e fechava as mãos.

Marta respirou fundo, pegou sua caneta vermelha e ameaçou:

– Eu vou ser obrigada a escrever um grande zero nesse caderno. É isso que você quer?

Todos olharam para Miguel com ansiedade e se esticaram para frente ao notar que o menino sussurrava algo.

– Como? Ninguém aqui entendeu o que você disse...

Miguel murmurou outra vez. Porém, o som saia tão baixo que era impossível entendê-lo e Marta já começava a bufar como um touro diante do algóz.

– Bom, se você não tem nada a dizer, então... – concluiu Marta, aproximando a caneta vermelha do assustador caderno de registros.

– Eu disse que não tenho lápis de cor! – gritou Miguel de súbito.

A professora parou abruptamente o seu movimento com a caneta.

Os colegas se entreolharam, horrorizados.

– Hummm... – pôs-se a refletir Marta, levantando-se. – E não tinha como você ter pedido emprestado para alguém?

O menino se encolheu todo. A turma, por sua vez, alvoroçou-se.

– Silêncio! – berrou a professora, já não mais tão parecida com um touro que bufa, mas tão somente com um algóz que se impõe – vejam, meus queridos: quando um professor disser que vocês precisam entregar um trabalho numa data, is...

– Mas prô, se ele não é mágico, como é que... – quis argumentar Melissa.

– Shhh! Sou eu quem está falando agora! E isso aqui não tem nada a ver com ser mágico ou não. Esqueçam a mágica! Estamos falando de datas está certo? Não importa como vocês vão fazer: peçam o lápis emprestado para o vizinho, falem para os pais comprarem... Não sei! Se virem, mas entreguem na data. Agora pode se sentar, Miguel. Dessa vez você vai ficar com zero, para ver se aprende – continuou ela, voltando à sua mesa para registrar a nota – mas não se preocupe, porque eu ainda vou dar outras atividades.

Agora, muito bem... Pedro Soares. Trouxe o trabalho? Ah, que bom. *Deixa eu ver...* Que beleza! Mostra para a turma. Isso... Conta o que significam essas bolas roxas e...

E a aula continuou, como se nada tivesse acontecido. Miguel olhava para o chão, sentindo um grande vazio dentro de si ao mesmo tempo em que pensava: “Ela está certa: esqueçam a mágica...”. Todos os outros, entretanto, prestavam atenção à aula, com medo de levarem bronca da professora-toureira. Quer dizer, todos, exceto Melissa...

A menina era a única a olhar para Miguel. Estava reflexiva como se vivenciasse algum embate interno muito profundo em sua alma. E sua forma de agir era tão estranha que quando tocou o sinal do recreio e todos correram para o pátio como de costume, ela se demorou misteriosamente algum tempo a mais dentro da sala, dizendo às coleguinhas:

- Vão sem mim. Eu... Ah! Não posso contar. É segredo.

As outras meninas não entenderam de que se tratava e, portanto, deram de ombros e voaram para fora sem ela.

Quando o sinal bateu outra vez e todos tiveram de voltar para a classe, qual não foi a surpresa de Miguel ao abrir sua mochila! Tentando esconder a alegria de quem acaba de ouvir a vida retrucando que “A mágica existe sim!”, o menino olhou incrédulo para uma caixa de lápis de cor da Faber Castell que havia surgido ali dentro magicamente com um pequeno papel onde se lia: “Para você colorir a sua vida”. Em seguida, percorreu os olhos pela sala e, apesar de não entender de onde aquilo viera, sentiu que a vida não era tão ruim assim, estufou o peito e deixou um sorriso franco invadir sua face.



CACHOEIRA POEIRA D'ÁGUA

Júlio César Oliveira Souza
Menção honrosa – categoria Conto, 2021

39

Era um domingo matinal. Poderia ser mais um domingo como de costume, ou seja, jogar bola, soltar pipa, brincar de bolinhas de gude e tantas outras diversões de criança. Mas quando somos ameninados, sempre criamos uma nova aventura. E naquele domingo de sol, não fora diferente. Eu, Toninho e Cesinha tivemos a ideia de irmos de bicicleta à Cachoeira Poeira d'Água, em Itamaraty de Minas. Ela fica a 20 quilômetros de Cataguases, aproximadamente. Saindo do nosso bairro, uns 26 km.

A ideia da aventura seria ótima, se não fossem dois contratempos: O primeiro é que as bicicletas eram velhas. O segundo problema é que as *bikes* eram de nossos pais, e eles eram trabalhadores humildes que dependiam das “magrelas” para irem trabalhar.

Nós não tínhamos nossas bicicletas, por isso às vezes pegávamos as *bikes* às escondidas para darmos uns “rolês”.

A bicicleta do pai de Toninho era uma Hércules, aro 28, de cor preta. Já a *bike* do pai de Cesinha era uma Philips, também preta e de aro 28. A magrela que eu teria como companheira pelas estradas era uma Goricke original, aro 28, quadro azul.

Pegamos as *bikes*, as mochilas contendo garrafinhas d'água, juntamos algumas moedinhas, e partimos.

O sol já estava tórrido, e para apressarmos, pegamos um atalho de estrada de chão depois de pedalarmos bastante na rodovia AMG-0525. A estrada rural era de péssimo estado de conservação. Havia buracos e uma decida bem íngreme. As “magrelas” aceleraram temerosamente, pois as sapatas de freios já estavam extremamente rafadas. Gritávamos copiosamente repletos de adrenalina, enquanto o vento uivava nos ouvidos. Após a descida, ainda andamos uns 500 metros sem pedalar devido à velocidade proporcionada pelo morro.

40

Então avistamos um exíguo boteco de portas antigas e amareladas pelas poeiras da estrada. Entramos e compramos seis pães franceses. Dois para cada. Pedimos também àquele sério senhor de grossos bigodes e franjas na testa à Charles Bronson, duzentos gramas de salame e uma Coca-Cola de dois litros. Retiramos as moedas do bolso e pagamos.

Agradecemos aquele senhor, nada simpático, e continuamos a aventura. Pedalamos até chegar a tão esperada Cachoeira Poeira D'água.

Na chegada, muitos carros e motos estacionados à beira de barrancos e sombras de árvores. Procuramos imediatamente um lugar para escondermos nossas “magrelas”. Apesar de serem quase pré-históricas, elas eram extremamente importantes para nossos pais, pois eram os meios de transporte deles. Penduramos as mochilas num galho de árvore, e aproximamos da cachoeira.

Havia muita gente dentro d'água e outros sentados nas pedras. Refrescamos um pouco antes de pularmos naquela água gelada. Nadamos, exorbitantemente, até ouvirmos o primeiro ronco na barriga.

Então, resolvemos lanchar, e assustamos com um gato malhado no galho da árvore lambendo até os "bigodes". Corremos desesperadamente gritando com o gato.

- "Sai, sai, seu gato miserável"! - gritou esbaforido meu colega Toninho. A mochila não fora bem fechada e o gato só deixou uma fatia de salame para nós. Ficamos furiosos. O jeito foi repartir a única fatia remanescente e colocá-la nos pães. Bebemos a Coca e comemos os outros pães vazios antes de voltarmos para água.

Nadar aumenta a apetite, por isso, pegamos nossas magrelas antes da fome voltar. Não pedalamos dois quilômetros e o selim da bicicleta de Cesinha quebrou. Rimos compulsivamente dele. Foi muito engraçado, entretanto, para Cesinha foi péssimo paladar sem poder sentar-se. E depois de uns dez quilômetros, o pedal do "camelo" do Toninho quebrou. Ele foi obrigado a pedalar com um dos pés apoiado em um trivial eixo de ferro. E não demorou muito para surgirem as primeiras câimbras. Parávamos a cada quinhentos metros para descansar. A fome começava a importunar. E um vento gelado anunciava uma possível chuva indesejada.

E, finalmente, depois de horas de sofrimento, nós chegamos à casa de nossos pais, e eles aguardavam com chinelos na mão.



A MENINA QUE VENDIA BANANADA

Mozileide Neri

Menção honrosa – categoria Conto, 2021

43

Abriu a embalagem e começou a trabalhar. Desde os seis anos de idade descia a Providência e caminhava sozinha para a Central do Brasil. A pochete sobre o vestido florido guardava os trocos dos outros. As mãos seguravam a mercadoria comprada e revendida. A voz infantil anunciava pelos vagões de Belford Roxo o passatempo dos trabalhadores cansados: cinquenta centavos o tijolão da bananada açucarada, macia e saborosa. A menina perambulava pelo trem todos os dias de manhã. Retornava para casa antes do almoço para ir à escola. Trabalhava para complementar a renda familiar. A avó, desempregada, faxinava o dia inteiro. Os dois irmãos maiores vendiam geladinho na praia nos finais de semana, caminhavam sem pressa sobre a maciez da areia.

Dentro do trem o sorriso implorava a compra, o olhar sofrido se antecipava, a voz forte convencida e emocionava. As mulheres compravam mais, os homens

olhavam o corpo crescendo. Aos dez anos, aceitava esmola, contribuições alimentícias, gestos de caridade em forma de comida ou dinheiro. A gratidão sobre o sorriso aberto e branco a fez ser conhecida. Todos sabiam quem era a menina que vendia bananada no trem.

O retrato falado foi descrito, as características bem-sinalizadas. Havia um sinal perto da orelha esquerda, os cabelos sempre presos e arrumados. O vestido florido, de chita, limpo e bem costurado, sempre abaixo dos joelhos. O tênis envelhecido, se rasgava no dedão do pé.

Os rumores se multiplicavam, as conversas dentro e fora dos vagões, o estranhamento da ausência. Pensavam sempre no pior. Desaparecida há cinco dias. Não voltou para casa no horário combinado. Ninguém sabe, ninguém viu. Os irmãos perguntaram, procuraram, mas já era tarde demais.

Algumas denúncias acionaram a polícia. Câmeras de segurança da companhia operadora de transporte ferroviário foram vasculhadas. Duas câmeras de dentro do trem registraram o dia e a saída acompanhada. Era um homem branco, meia idade, estatura baixa, corpo largo, usava roupa social, gravata, carregava uma pasta marrom na mão esquerda, a mão direita estava sobre os ombros da menina desaparecida.

O homem foi identificado, um pastor, foi ouvido e liberado. Disse não ter feito nada demais. Apenas pagou um lanche para a menina. As denúncias continuaram. A infância enganada foi encontrada sem vida, nua sobre o aterro sanitário. Sequestrada, violentada, assassinada e depois jogada no lixo. O corpo apodrecido se desmanchava.

O choro da avó comovia. A mãe viciada não foi encontrada. O pai ausente não foi procurado. Os irmãos mais velhos se revoltaram. Os irmãos menores não entendiam. A infância retinta foi sepultada na

vala rasa. A escola perdeu uma aluna aplicada. O pastor ameaçado se entregou. A justiça dos ímpios foi protocolada na cela.

As crianças cresciam observando a avó, o único exemplo presente de afeto. A costura nos finais de semana lhe garantia esmolas parceladas, os remendos de última hora, a bainha bem costurada, os vestidos encomendados davam-lhe os trocados para comer. A culpa debaixo das pálpebras não a deixava dormir. A morte da neta era uma dor pesada demais.



PROMESSA

Reinaldo da Silva Fernandes
Menção honrosa – categoria Conto, 2021

47

A filha está sentada no leito, observa a mãe. Lá fora, o sol começa a se pôr, para além do Ibirapuera. A tarde se finda. Dia quente de outubro.

– Promete, minha filha? – pergunta a mãe, parecendo acordar. Promete?

Ela acarinha o rosto da mãe, segura as lágrimas, seu olhar dirige-se à janela por onde entram os últimos raios de sol. O dia vai acabar.

– Promete? – insiste a mãe.

– Prometer o quê, mãe? Descansa... estou aqui do seu lado.

A mãe esforça-se para fitar-lhe os olhos, parece vê-la distante, há quase nove anos de distância, quando ainda dava seus primeiros passos. Lembra-se de suas irmãs, pequenas, brincando de boneca na sala, também pequena do barraco. Eram mais três. Uma faleceu num acidente trágico de moto; outra de meningite. A terceira irmã, “vida loca”, sumiu na vida, nunca mais dela teve

notícias. Ficou a caçula. Ficou sempre, cuidando dela, dando força, amparando-a até aquele momento.

- Descansa, mãe. A senhora vai ficar boa.

- Promete se cuidar, filha? Promete cuidar da saúde, ir no médico, ver se você não tem essa doença da sua mãe? Promete pra mim, filha, promete! Só se você prometer, eu posso descansar em paz.

Ela abraça mais uma vez a mãe, seus dois seios pequenos tocam o único que restou da mãe. A mãe lhe aperta forte, ela corresponde. "Prometo, mãezinha!", cochicha no ouvido de sua heroína, aquela a quem mais amou, dedicou praticamente toda sua vidinha de criança a cuidar. Ficam ali, assim, até que ela percebe que a mãe já não mais a aperta. Foi o último abraço de um amor cúmplice.

Ela passa a mão pelo rosto da mãe, fechando-lhe os olhos. Depois fecha a janela, apaga o que restou do sol. Acabou o dia. Acabou tudo.

COR DE VINHO

Waléria de Jesus Barbosa Soares
Menção honrosa – categoria Conto, 2021

49

Nasci em uma família pobre que morava no interior do nordeste. Mas tinha pai, mãe, uma irmã mais nova, um cachorro vira-lata de cor marrom, seis galinhas e um galo. A nossa casa era toda de tijolo, que papai mesmo construiu aos poucos. O quarto onde eu dormia com minha irmã foi o único rebocado durante muito tempo.

Papai saía muito cedo para trabalhar, era ajudante de pedreiro. Todo dia mamãe fazia uma pequena marmita para ele com arroz, feijão e um pedaço de qualquer coisa que se assemelhasse a carne. Quando tinha, levava uma banana. Às vezes ele comia, mas na maior parte das vezes trazia a banana de volta. Adorava ver eu e minha irmã disputando-a. Mas no final a gente sempre dividia, em meio aos abraços que ele nos dava com cheiro de sol e cimento. Não tinha abraço mais carinhoso.

Eu, filho mais velho, ouvia que tinha de ser exemplo para minha irmã. Com sete anos eu caminhava dois quilômetros para chegar à escola. Se ia com meu melhor amigo, nem achava tão longe assim. O problema era quando eu ia só. Eita! Caminho de terra que parecia não terminar nunca.

Quando eu chegava na escola já estava pensando no recreio, não só pelas brincadeiras, mas principalmente pelo lanche. Na minha casa nós tínhamos três refeições: café com pão, almoço e café com pão. Mas já tivemos momentos de ter apenas duas. Qualquer coisa fora dessa rotina se referia às frutas que pegávamos no quintal de casa ou da casa dos vizinhos.

Lanchar era assim a melhor parte da escola. Eu adorava ver aquele frescor de uva caindo na caneca, quando a tia da cozinha me servia. Foi ali que passei a gostar de tudo que fosse cor de vinho, mas não tinha tanta coisa assim. Então, eu passava horas a imaginar tudo cor de vinho: um tênis cor de vinho, uma bola cor de vinho, o cabelo da minha irmã cor de vinho, meu cachorro cor de vinho, um caminhão cor de vinho, o céu cor de vinho, o vestido de mamãe cor de vinho...

Como mamãe ficaria linda de vestido cor de vinho! Eu a imaginava indo me buscar na escola e todos meus amigos a admirando e comentando como ela era linda. Certo dia cheguei a comentar que quando eu estivesse trabalhando e ganhando dinheiro eu iria lhe dar de presente do dia das mães um vestido cor de vinho. Ela passou a mão molhada em meu cabelo e sorriu.

Mãos molhadas. Mamãe lavava roupa para fora sempre que podia, mas reclamava muito de dores no peito. Toda vez era assim: lavava, reclamava e tomava chá de uns matos que ela mesma colhia no quintal. Dizia que era bom para congestão. Eu não entendia o que era essa tal doença, mas devia ser algo que doía muito, pois ela chegava a chorar. O engraçado era que mamãe dava o mesmo chá para papai e dizia que era

bom para a fadiga. Eu achava que o chá era uma espécie de feitiço.

No dia do aniversário de cinco anos da minha irmã, papai matou uma galinha e a depenou, em seguida mamãe a fez ao molho pardo. Aquele sangue da galinha misturado ao molho deixou a tonalidade do nosso almoço na minha cor preferida, por isso era o prato que eu mais gostava. Tudo ia tão bem, até que no cantarolar dos parabéns, mamãe começou passar mal.

Foi tudo muito rápido. Ela pressionava o peito com as mãos, seus olhos reviravam, até que caiu desmaiada no chão e nunca mais acordou. Passei odiar a minha cor preferida, pois me lembrava os lábios de mamãe dentro daquele caixão. Cor de vinho passou a ser a cor da minha tristeza.

Dois anos mais tarde, na escola, a minha professora pediu que imaginássemos que éramos cientistas e inventássemos algo que fizesse as pessoas felizes. Foi aí que pensei no sorriso de mamãe quando disse que lhe compraria um vestido cor de vinho. Lembrei que ela já havia me dito que também gostava dessa cor.

Então eu disse a professora que minha invenção era um batom cor de vinho. Toda vez que uma mãe o usasse, sorriria e seria feliz. A professora adorou a ideia. E eu? A partir dali, transformei a cor de vinho de tristeza em uma doce saudade da minha infância. Saudade do tempo em que eu tive o sorriso cor de vinho da minha mãe.



^
CRONICAS

A GAROTINHA VITORIOSA

Arzório Alberto Cardoso

1.º colocado – categoria Crônica, 2021

53

Admirador invejoso que sou dos grandes ficcionistas, admito ser uma das grandes vantagens da crônica o fato de o escritor nem sempre precisar derreter os miolos tentando arrancar dali boa ficção. A tal chamada realidade é tão vasta e surpreendentemente fabular que volta e meia chega nos saudando com a história já assim, roteirizada e editada, cenário, figurino e maquiagem prontos, tudo de mão beijada. E aí é só copiar e colar, feito trabalho de aluno, primarista, secundarista, terceirizado ou universitário.

Dito isso, e munido do providencial Control C + Control V, repasso integralmente a vocês a história contada a mim por minha companheira, que ficou sabendo pela mãe dela, que foi quem presenciou tudo. A ela, muito agradeço pelo bonito e familiar telefone sem fio, que é sem fio mesmo, e é telefone mesmo, pois contou tudo pelo celular.

Minha sogra é enfermeira e trabalha num hospital infantil. Não, o hospital não é bobinho e dado a brincadeiras e traquinagens de criança, bobos são vocês que pensaram numa bobagem dessas.

A história, se me permitem, é a de uma família que chegou desesperada à recepção do sério hospital, depois de muita correria, muitos deus-nos-acuda e algumas infrações de trânsito. No colo do pai, a menininha de quatro anos, desacordada.

Encaminhados diretamente à sala de emergência, o médico perguntou o que tinha acontecido. Ninguém sabia. Encontraram-na já assim, desfalecida no quintal onde brincava com uma amiguinha.

A mãe, aos soluços, relatou que tentaram de tudo, sacudiram, gritaram, choraram, rodopiaram no próprio eixo, mas nada de a menina voltar, procuraram cortes, feridas, hematomas, moedinhas na garganta, mas não encontraram nada. A amiguinha, amuada num canto, não contou nada também...

O médico pediu para se acalmarem e iniciou alguns procedimentos. Verificou pulsação, respiração, pupilas, pressão arterial. Tudo parecia estar perfeitamente normal. Comunicou então que precisaria avaliar as respostas motoras da menina, causar algum desconforto no corpinho dela para ver se ocorria alguma reação ao estímulo da dor.

Enquanto o médico se preparava, minha sogra, que era quem agora segurava a menina, percebeu as pequenas pálpebras se movendo com certa intensidade (como quando temos algum sonho um pouco mais movimentado), juntamente com um movimento sutil nos lábios pequeninos. Sutil, mas que a qualquer um seria facilmente identificado como um sorriso malandro. Já desconfiada, e com a deliberada intenção de fazer cócegas, minha sogra passou rapidamente a ponta dos dedos nas costelas da, até então, desacordada, desmaiada, desfalecida, inanimada,

semimorta menininha, que finalmente abriu os olhos soltando uma bela e desadormecida gargalhada.

Quando o assombro, os olhos arregalados e a indignação geral cederam lugar ao alívio, perguntaram-lhe por que raios tinha ela feito uma coisa daquelas, a troco de que tinha quase matado a família inteira do coração ou num desastre automobilístico. Calma, soberana, demonstrando ainda uma vez que “ué” é das maiores palavras da língua e que as grandes almas são forjadas pelo bafo quente do fole da teimosia, a garotinha respondeu:

— Ué, a gente tava brincando pra ver quem ficava mais tempo fingindo que tava dormindo. Ganhei dela.



QUEM AINDA FAZ XIXI NA CAMA?

Renata Campagner Maximiano
2.º colocado – categoria Crônica, 2021

57

Quem nunca fez xixi na cama quando brincou com fogo? E aquele sonho de que você está no banheiro, levanta a tampa do vaso e, de repente, você sente uma sensação de alívio, mas acorda com uma água quente que vai subindo pelas costas?

Coisas de crianças do meu tempo. Não escuto mais falar sobre criança que faz xixi na cama, mas eu fui uma dessas. Todos os sábados, meus tios e pais saíam à noite para se divertirem. Meus primos e eu, cinco crianças entre sete e dez anos, íamos dormir na casa da nossa avó, ou melhor, da vó. Numa dessas noites, pedimos para dormirmos juntos na sala. A vó fez uma dessas camas gigantescas no chão, usando muitos cobertores. Dormir no chão gelado dava “friagem”, segundo ela. No dicionário da minha avó, “friagem” era ficar com os pés e nariz gelados durante o sono. Isso bastava para acordar com dor de garganta.

Só situando: não havia *smartphone*; nossas redes sociais eram brincadeiras, brigas e implicâncias, e tudo mediado pela vó.

A vó nos deixava brincar na rua, mas sempre havia um que se machucava, ou outro que quebrava as plantas com a bola, ou o vizinho que reclamava da gritaria da brincadeira. O jeito mais fácil era liberar a televisão. Pois é, já teve tempo que acessar à televisão tinha duas condições: uma era não ter um adulto por perto, porque senão era ele quem escolhia o canal; a outra era aceitar que não existia controle remoto.

Nessa noite, pré-anunciado, passaria um filme proibido para crianças, pelo menos para os netos da minha vó. Determinado que na hora do filme, trocaríamos de canal, após acabar a novela, ela foi se deitar.

Plano: desobedecer. Se a vó acordasse, bastava fingir que estávamos todos dormindo; se nossos pais voltassem, com o barulho do portão, daria tempo de desligar, fingindo dormir quando eles entrassem. Empolgados por fazer algo proibido, não nos atentamos ao filme em si. O filme começou e qualquer barulho começou a assustar. Era filme de terror; havia uma árvore que se alimentava de crianças. Os clichês permitiam cobrir a cabeça ou fechar os olhos. Os mais velhos assustavam os mais novos. Com o medo instalado, eu pedi para a minha prima ir comigo até o banheiro. Ela foi até o corredor e saiu correndo de volta à sala, então eu desisti e resolvi não ir mais.

Havia uma árvore em frente da janela do banheiro da casa da minha vó. Se eu já tinha medo do “homem do saco” que levava as crianças que desobedeciam aos pais, imagine uma árvore que comia qualquer criança que dela se aproximasse! Lá pelas cinco da madrugada, meu primo se levantou assustado e perguntou: vocês estão sentindo isso? E todos foram percebendo o que tinha acontecido. Alguém tinha feito xixi na cama. Foi tanto xixi que tivemos que

acordar a vó para resolver o problema. Não havia mais cobertores, amanheceu, e ficamos no sofá.

Eu acabara de virar, naquela noite, a mijona da família!

Não fui mais ao banheiro sozinha à noite por um bom tempo. A vó tinha que me levar fazer xixi durante a madrugada. Meus primos não podiam me chamar de mijona, pelo menos na frente dela, mas entre nós, brincando na rua, eles gritavam “mijona” e eu saía correndo atrás deles para pegá-los. Fiquei traumatizada com o filme de terror, tinha medo de tudo, mas quando estávamos juntos, não me incomodava em ser chamada de mijona.

Eu me lembro que tinha xixi até no pescoço do meu primo. Eu fazia xixi na cama a partir dos sete anos, minha prima tinha pesadelos e dormiu na cama da mãe até os doze. Hoje, toda vez que um dos nossos filhos quer assistir a um filme de terror, esta história vem à tona. Tem funcionado, as crianças não fazem xixi na cama, não pelo trauma das cenas que esses filmes possam causar, mas porque ninguém quer ser chamado de mijão ou mijona. Nossa rede social era limitada. Aprendíamos a nos defender ao vivo e a cores. Hoje imagino que essa história renderia memes nos grupos da família, críticas, piadas e até tratamentos psicológicos. A gente resolvia correndo na rua.



SOU IGUAL A VOCÊS

André Machado de Azevedo
3.º colocado – categoria Crônica, 2021

61

Gosto de dormir. É quando meu corpo esquece de doer. Ignoro o despertador porque meu estômago é quem dói primeiro: acorda pensamentos e faz a cabeça inventar o cheiro do pão que quase nunca vem. Aguento porque li num livro: a dor ensina. A vida tem sido professora brava. Qualquer dia entenderei seus motivos.

Mamãe chora tão baixinho que parece passarinho. Triste. Dentro da gaiola. A nossa é de madeira: várias ripas que não bloqueiam a chuva, nem o vento ou Sol.

Acordamos e vamos para rua antes da luz vencer a disputa com a madrugada. A segunda dor nasce nessa hora: culpa do pescoço virado para baixo. Procuo aquilo que ninguém quis: latinhas viram moedas, papelão também. Minhas mãos são finas e entram nos bueiros que mamãe não consegue. As costas começam a gritar depois que o peso acumula no carrinho.

A melhor das dores: única que vira farinha e feijão no final do dia.

Alegria parece tão simples, mas os adultos complicam. Enchem a barriga naqueles restaurantes bonitos e nem agradecem: esquecem do pequeno milagre que é mastigar e se satisfazer. Podiam conhecer a acidez da minha barriga por um dia.

Mamãe diz que só tenho nove anos, mas alma antiga: não concordo; apenas presto atenção, a maioria dos grandões apenas sobrevive.

Assisto da calçada o mesmo filme: pessoas ansiosas com celulares nas mãos. Vendendo vida e esquecendo de viver. Tanto prazo que falta abraço. Tanta agonia que falta alegria.

É, sou poeta também.

Sonho depois que acordo: quero escrever páginas. Fazer livros. Ter o título de escritor depois do meu nome. Tipo de honra que resistirá ao óbito.

Bonito, né? Aprendi essa palavra ontem. A humanidade joga muito conhecimento fora: não imagina tudo que encontrei nessas esquinas. Vocês descartam livros e eu bebo conhecimento. Ainda bem que mamãe me ensinou as letras. Adoro o a. É o começo de tudo: quem puxa o alfabeto e faz a magia acontecer.

Gosto quando a rua esvazia e o sol refresca: menos olhares de julgamento caindo em mim. Acham que pedirei algo ou vou incomodar?

Não, seus moços: pego aquilo que ninguém quer e ajudo a limpar a cidade que vocês descuidam.

Mas dói. Olhares viram facas, sabia?

Moram sonhos aqui dentro também.

Sei que deixarei de ser menino. Nesse dia, direi para outros guris feito eu: sonhem. Não deixem que gente pequena te apequene também.

Única certeza que carrego dentro da mochila puída: jamais deixarei de ser criança.

Quero agradecer porque amanheceu, ficar feliz por pular o muro ou salivar antes do chocolate tocar a língua.

Ser adulto é ser cinza?

Avisem: sou multicolorido.

Meu sonho que me alimenta quando o pão não vem: enche o buchinho de vontade pelo amanhã e sabe esquentar os pés quando esfria.

Tomara que o universo me ouça.

Cuida da minha mãe e de mim.

Entrega saúde que devolverei boa vontade.

Entrega comida que devolverei sorrisos.

Deixe-me ser o futuro que vocês precisam.

Não atravessem a rua:

sou igual a vocês.

No quesito gratidão,

o milionário sou eu.



INFÂNCIA

Carla Cintia Conteiro

Menção honrosa – categoria Crônica, 2021

65

Os versos de Casemiro de Abreu me causavam espanto. Aquelas memórias idílicas do poeta sobre a aurora de sua vida não retratavam o que eu experimentara da vida até ali. O pior é que ele descrevia os seus oito anos como o seu momento mais feliz e deixava implícito que depois era ladeira abaixo, com a possibilidade de felicidade e afeto puro se dissipando. Entendia o que o tal poema dizia, mas me recusava a acreditar.

Não, não houve orfandade, nem miséria, nem abuso sexual, nem qualquer outra grande desgraça. Eu era tão somente uma criança triste.

Fui a primogênita de três irmãs. Desde cedo, me pesou sobre os ombros a responsabilidade de ser uma mocinha, de ter que dar o exemplo de comportamento e desempenho escolar para as mais novas. Durante as brincadeiras, se houvesse barulho ou desordem em demasia, era eu a repreendida e a punida, mesmo

se não tivesse participado da folia. Cada vez menos fazia parte das atividades infantis, com medo de ser castigada. Não adiantava. O final de todo folguedo era chinelo na minha bunda e o escárnio sonso de quem de fato provocara a ira de meu carrasco.

Na escola, não era muito melhor. Um ano mais nova que os demais alunos, por ter pulado a classe de alfabetização, era presa fácil. Trazendo a quietude e a introspecção de casa e sem me encaixar em qualquer estereótipo, era alvo preferencial. Tinha cabelo crespo como os colegas mais pobres, mas era filha de doutor como nenhum deles. Era a última na fila por ser a mais alta, mas me sentava lá na frente, de cara para a professora, por ser uma das melhores alunas. Grudava os olhos nas aulas e não me metia nas traquinagens por temor do que pudesse me acontecer se não correspondesse a todas as expectativas domésticas e escolares. Durante o recreio, ficava de lado, torcendo para que se esquecessem de mim e dos cânticos sobre meu cabelo, meu nariz e minha excessiva magreza. A prática de me tornar invisível dava tão certo que ninguém se lembrava de me convidar para as suas festas de aniversário ou para ser seu par nas quadrilhas das festas juninas.

O tempo todo me acompanhava uma enorme vontade de gritar. A quem poderia pedir socorro? Nem conseguiria explicar para quem viesse em meu auxílio o que se passava comigo. Não existia no meu vocabulário, nem no do mundo que me cercava, o conceito de *bullying*. E, se em briga de marido e mulher não se metia a colher, criança tampouco tinha querer.

Tudo o que eu queria era crescer logo, virar adulta, ser dona da minha vida. A professora não poderia imaginar o impacto que teve no meu coraçãozinho pueril ao afirmar que deveríamos aproveitar bastante, que sentiríamos saudades de tudo aquilo quando fôssemos grandes. Era um vaticínio horrível.

Ainda assim, eu adivinhava que quando eu me tornasse uma mulher crescida seria melhor. Não sabia, na época, que era porque teria mais ferramentas emocionais e maior repertório de vivências para não me deixar oprimir, que o que não me matou, me tornaria mais forte.

O que eu já sabia, desde pequena, era o nome daquele sentimento que salvou a minha vida: esperança. Bem mais tarde, aprendi com Paulo Freire a conjugá-la como verbo – esperar.



O QUE NOS RESTA

Giselle Fiorini Bohn

Menção honrosa – categoria Crônica, 2021

69

Olho para meu filho, deitado no sofá, nesta tarde de nosso terceiro *lockdown*. As aulas foram suspensas mais uma vez, e um ano de seus nove foi passado assim: fazendo a lição de casa aos prantos pela manhã, e matando a tarde com o meu antigo celular nas mãos. Não, não era assim que deveriam ser seus dias.

O aparelho não faz chamadas, serve apenas para que ele possa ver vídeos e acessar games. No começo, discutíamos sobre isso todos os dias. Eu me exasperava pelas horas perdidas, pelos livros não lidos, pela inércia. Estipulava limites, ameaçava sanções, fazia uso de subornos e chantagens. “Se você não ler dez páginas deste livro, não tem mais internet hoje!”, “vamos sair para caminhar e então você pode jogar até o jantar”, “vá andar de bicicleta que te dou mais meia hora”. Mas foi tempo demais, e minha exaustão suplantou minha exasperação: que vá, jogue, que se divirta, que se perca, esqueça deste momento. Haverá outros, em

que teremos de volta o futebol com os amigos, em que os livros serão novamente lidos, quando os passeios de bicicleta serão novamente apenas passeios e não estratégias contra o sedentarismo; ao menos é o que eu espero. Mas este não é esse momento.

E enquanto o observo, fico me perguntando como teria sido passar por tudo isso nos meus longínquos nove anos. Naqueles dias sem computador, sem videoconferências, sem links para exercícios online, quando as atividades vinham em papel sulfite cheirando ao álcool do mimeógrafo. Como teria sido fazer confinamento sem videogame, sem TikTok, ou com uma televisão que só tinha cinco canais e a mesma programação a cada dois meses? Teria sido mais difícil ou mais fácil?

Não sei. Só sei que me recordo de vários momentos de minha infância dominados pelo tédio. Lembro-me de ficar deitada na cama, no que então me parecia ser uma eternidade, olhando as partículas de poeira que dançavam em um raio de luz. Lembro-me de chutar pedrinhas, sozinha na rua vazia, nem um único pensamento relevante. Lembro-me de assistir a um mesmo desenho animado pela décima vez sem qualquer deslumbramento. E não me lembro de me sentir incomodada por essa solidão, pela monotonia dos dias, pelo enfado. Tudo isso me parecia então ser o tecido da vida, onde os memoráveis acontecimentos eram delicados e raros bordados.

Hoje vejo que não é mais assim. Até às crianças o mundo parece ter adquirido outro ritmo, e o tédio é o inimigo terrível que precisa ser subjugado, derrotado, eliminado. Há sempre alguma coisa muito emocionante acontecendo em algum lugar: uma nova série, um novo jogo, um novo vídeo no YouTube. O tempo nunca se arrasta, nem em pleno confinamento, pelo contrário: ele agora é curto demais para o tanto que nos aguarda, sempre.

Isso significa que, como muitos acreditam, tudo era melhor no passado, que algo valioso se perdeu nesta nossa transição para o hoje? Sim, seria tão mais fácil também acreditar nisso, mas não consigo. Olho ao meu redor: não vejo mais felizes, mais equilibradas ou mais éticas as pessoas da minha geração e não admiro em nada a história escrita lá atrás. Por pior que as coisas sejam, ainda assim parecem melhores do que jamais foram.

Mas se não me entristeço por saudosismo, também não me regozijo na esperança de que este ritmo alucinado em que vivemos fará de nossas crianças indivíduos mais satisfeitos e mais centrados. Embora pense, sim, que serão pessoas mais conscientes e mais tolerantes, admito que me preocupo com toda esta sobrecarga de informações a que os submetemos. Como isso os afetará a longo prazo? Conseguirão eles lidar com o silêncio e com a escuridão, que também fazem parte da existência?

Meu filho deixa o celular por um instante e abraça o gato que dorme a seu lado no sofá. Ele murmura para o bichinho algo sobre amá-lo tanto, mas tanto, que nem sabe explicar. Eu sorrio. Na falta de certezas, apostemos no amor que nos move e deixemos que o amanhã cuide de si mesmo. Nada nos resta a fazer.



O VOVÔ PISCOU PARA MIM

Juliana Medeiros dos Santos
Menção honrosa – categoria Crônica, 2021

73

Era uma tarde ensolarada de domingo. Catarina e sua mãe Ana brincam no quintal. Abruptamente, Catarina para, olha para o céu e pergunta intrigada:

– Mamãe, ele está no nosso céu?

– O vovô, filha? Sim. Você pode conversar com ele.

– (pensativa) Mamãe, mas eu acho que ele não vai me responder...

Ana engole seco. Para. Pensa.

– Mas você pode falar.

Catarina se vira em direção ao céu, pulando e sorrindo.

– Oooooiii! – diz Catarina feliz.

Tempo.

– Mamãe!! Mamãe!!! (empolgada) Ele respondeu!!!!

– E o que ele disse, filha? – Indaga Ana curiosa.

- Oi! - Responde Catarina com simplicidade pueril.

- Mamãe, vou jogar beijos para ele pegar! - Emenda.

Pula, sorri e joga beijos.

- Mamãe, ele pegou. Agora ele tá jogando beijos para mim!

Catarina narra com uma alegria radiante a interação entre ela e o avô. Brinca feliz.

- Mamãe, joga beijos para ele também! - insiste a pequena.

Enquanto o céu está aberto, o peito de Ana chove de saudades e da sensibilidade afetuosa de sua filha. Ana joga beijos. Catarina segue pulando e rindo numa dinâmica muito própria.

“A morte é tão mais bela e poética pelo olhar de uma criança”, pensava Ana. Catarina vê a tristeza da sua mãe convertida em lágrimas tímidas que correm delicadamente por sua face, misturando-se a um ligeiro sorriso de orgulho do comportamento leve e doce de sua filha.

- Mamãe, você está triste por que o vovô foi morar no céu?

- Ah filha, tem muita gente indo morar no céu também!

- O vovô disse que o céu é um lugar bonito, mamãe.

- É mesmo, filha? A sensação que eu tenho é que as pessoas estão indo cedo demais para lá.

- Mamãe, tem hora certa para ir pro céu?

- Não sei, filha, deve ter.

- Pera aí, mamãe. O vovô tá me chamando.

Ana estranha. Catarina se afasta e direciona o ouvido para o céu, como se escutasse atentamente. Nesse momento, começa a cair uma ligeira garoa e se pode observar um arco-íris sorrindo para a dupla. Ambas respiram e admiram como se o tempo tivesse

entrado em suspensão por alguns instantes. Catarina retoma:

- Mamãe, o vovô mandou um recado...

- Que recado, minha princesa? – pergunta Ana, curiosa.

- Ele disse a mesma coisa que você diz quando eu caio e machuco meu joelho.

- (Estranhando) O que, Cat?

- Vai passar!!!

- Não tenho dúvidas, meu anjinho.

- Foi isso que ele disse, mamãe. Que tudo isso vai passar...

Ana beija, carinhosamente, Catarina em sua testa. Catarina segue contando sua narrativa como se as palavras viessem do seu avô.

- O vovô contou que, após esse período difícil, nos tornaremos pessoas melhores, mais generosas e amáveis umas com as outras, assim como eu...

- Filha, seu vovô deve estar certo... se todos fossem iguais a você, o mundo seria tão melhor, meu amor.

- Mamãe, se todo mundo fosse igual não teria graça, ué!!!

- Tem razão filha! – Ana ri desconcertada com a perspicácia da garota e completa: A humanidade é nova, ela aprende...

- Mãe, você viu que, mesmo na chuva, a gente consegue ver um arco-íris?

- Sim, meu anjo. O arco-íris existe por causa do encontro das gotas de água com os raios de sol. Em tempos de chuva, se a gente procurar bem, a gente encontra um arco-íris dentro de nós. – Devaneia Ana, que é acordada subitamente pelo grito de Catarina:

- Mamãe, mamãaaaae!!!

- Que foi?!! – Ana responde assustada, dando um pulo da cadeira.

– O vovô piscou para mim com um olho só e fez assim... (Catarina mostra as duas mãos fazendo um sinal de positivo).

Ambas trocam olhares e sorrisos com uma cumplicidade acolhedora. Com esse diálogo, Catarina regou a flor de esperança que estava murchando no coração de Ana. Agora estavam prontas para deixarem florescer novamente a fé no coração de cada uma a esperar por dias melhores, mais bonitos e cheios de vida.

CRÔNICA PARA MEU PAI

Paulo Cezar Tórtora

Menção honrosa – categoria Crônica, 2021

77

Esta é a primeira vez que escrevo sobre meu pai. Agora, e somente agora, estou me dando conta deste fato, o que não deixa de ser meio estranho. Não, nunca tivemos problemas de relacionamento, pelo contrário. “Seu” Walter foi um ótimo pai, sempre presente e amoroso para com sua esposa e seus três filhos.

Era ferroviário. Trabalhava, desde que eu me conhecia por gente, na Estrada de Ferro Leopoldina, a Leopoldina Railways, conhecida como “a ferrovia dos ingleses”. Anteriormente, como conta minha mãe, ele executava serviço braçal na roça, razão pela qual não pôde continuar seus estudos, como gostaria. Não canso de admirar o fato do casal, um ferroviário e uma empregada na indústria têxtil, com seus modestos salários, conseguir proporcionar educação superior aos seus três filhos. Minha formação em engenharia mecânica eu devo aos dois.

Dentre as mais caras lembranças da minha infância, que tenho de meu pai, uma das mais marcantes é a do dia do recebimento do seu salário mensal. O dia de pagamento era uma verdadeira festa, quando eu ia, com minha mãe e meus irmãos, até a estação de trens do Alto da Serra, na cidade de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro, onde meu pai trabalhava como telegrafista. Naquela época a comunicação entre as estações ferroviárias era feita por meio de telégrafo. Eu ficava fascinado com a chegada das mensagens e meu pai, no ato, traduzindo para nós aqueles traços e pontos, enquanto a fita de papel ia sendo perfurada e desenrolada automaticamente da maquininha que não parava de tiquetaquear.

Ali aguardávamos a chegada do trem que iria desembarcar “as compras”, um enorme saco feito de aniagem, repleto com mais de quarenta quilos de mantimentos, que iriam sustentar a família durante o mês. Era parte do salário, convertido em mantimentos. Ali mesmo abríamos o grande saco e distribuíamos seu conteúdo em bolsas menores, que levávamos, radiantes, para casa.

Aquela alegria era fruto da sensação de segurança, não só econômica, mas da certeza de fazer parte de um lar onde o amor era o porto seguro, provendo o conforto e o abrigo tão necessários a nossas vidas.

E, no entanto, eu nunca disse para meu pai que o amava.

Não sei o porquê, mas nunca pronunciei para ele aquelas simples palavras. Achava tão difícil... Dizia para eu mesmo ser desnecessário, com a desculpa de que ele já sabia.

Hoje sei que era necessário, sim. Hoje me arrependo de não ter demonstrado com palavras o quanto ele me era querido. Infelizmente para mim, hoje já é tarde demais.

Meus filhos também nunca disseram que me amam. Deve ser difícil para eles também. Tenho plena certeza de seu amor por mim, mas não sei como fazê-los entender como eu gostaria de ouvir, não tanto por uma mensagem de e-mail ou de WhatsApp, mas de seus próprios lábios, de seus próprios corações.

Enquanto penso em tudo isso, passo a entender melhor a atitude de meu pai, que fingia não se importar com meu silêncio a respeito. Sua abnegação é mais um motivo para que eu reverencie sua terna memória.

Mas estou pensando seriamente em tomar a iniciativa, ainda que tardia, de chegar para cada um de meus três filhos e, cara a cara (mas, docemente) dizer-lhes: “Eu te amo”.

Na verdade, ainda não é tarde demais...



INFÂNCIA É ESPERANÇA

Pedro Henrique Figueira Basson
Menção honrosa – categoria Crônica, 2021

81

Era uma sexta-feira, dia do meu aniversário de 9 anos. Assim como nas outras vezes, não havia sobrado dinheiro para comemorações. Porém, meu amigo João, 8 meses mais velho que eu – mas dois anos adiantado na escola –, me convidou para dormir na casa dele para brincarmos. João era meu vizinho de frente, mas “mãinha” ainda tinha que aprovar a aventura. Era um tanto desconfiada, já que a família de João tinha bala na agulha.

– Mãinha, já que não vai ter nada aqui em casa hoje, eu posso dormir na casa do João? A mãe dele já aprovou, deixa, deixa! Disse eu, como um cachorro esperando um pedaço de carne cair da mesa.

Apesar de duvidosa, minha mãe não teve coragem de negar, porque acreditava ser dela a culpa por não ter dinheiro para um bolo.

– Vá, meu filho, mas cuidado com as coisas da casa dos outros. Não toque em nada!

– Tá, mãe! Já sei, já sei, a senhora já me falou essas coisas várias vezes.

Decerto, naquela época eu não tinha toda a malícia pela qual “mãinha” se preocupava. Então, fui muito empolgado! Era a primeira vez que faria isso, queria brincar a noite inteira.

Chegando de noitinha, tomei banho, coloquei a roupa mais arrumadinha que tinha de dormir num saco, atravessei a rua e toquei o interfone. Entrei.

Não era a primeira vez que via o quintal, mas a parte de dentro me surpreendeu. Enquanto o chão gelado da minha casa era de cimento queimado, o de lá era de porcelanato. Tinha uma tevê enorme na sala, fiquei encantado. Logo subi com o João para o segundo andar, onde ficava seu quarto. Lá tinha vários bonecos e um computador. Um computador! Passamos horas brincando com um jogo de tabuleiro, o qual eu o deixava ganhar sempre, afinal o jogo era dele. Estava tão contente que nem ligava para o resultado.

– João, vem cá! Gritou a mãe de João.

E João partiu correndo pelas escadas. Quanto a mim, fiquei onde estava. Imóvel, para evitar que qualquer coisa saísse do lugar e suspeitassem de minha pessoa. Sem demora, João voltou e me chamou para ir lá embaixo, porque a mãe dele queria conversar comigo. Logo, pensei: “Será que já acham que roubei alguma coisa?”. Desci as escadas apreensivo e falando que “mãinha” estava certa por todo alarde.

Chegando lá embaixo, ela me chamou da cozinha.

– Ora, eu nem fui à cozinha, como posso ter roubado algo lá? Sussurrei.

Porém, antes que eu pudesse assimilar, entrei na cozinha e vi um rocambole na mesa de centro. Era uma festa surpresa que João havia preparado para mim. Ainda, como se eu fosse ligar, a mãe de João me pediu desculpas, porque naquela hora da noite não

havia encontrado bolo que pudesse comprar. Cantamos e comemos. Fiquei muito feliz!

Depois disso, subimos novamente e brincamos com coisas que nunca tinha visto e não sei também dizer o que era. Não demorou muito para que o sono nos vencesse e estragasse o nosso plano de ver a aurora. Naquela época, não sabia, mas foi nesse aniversário que eu aprendi que infância é esperança.



A INFÂNCIA LAVADA NAS ÁGUAS

Raphael Carmesin

Menção honrosa – categoria Crônica, 2021

85

No Marajó, a infância é lavada nas águas, mas a correnteza não é a mesma para todos. Debaixo das águas ancestrais esconde-se toda sorte de bichos, lendas e restos mortais, sob o ritmo cadenciado do rio. Na superfície, porém, a vida se desenha ligeira: quem mal acabou de nascer já vira homem; a menina que brinca de boneca, vira mulher.

É uma infância curta, que passa com a correnteza. Meninos e meninas pobres, correndo atrás do pão, do brinquedo, da travessura, de trabalho para ajudar no sustento da casa, não poderiam durar muito tempo em suas meninices. Por isso, o Marajó é um dos locais com os maiores índices de trabalho infantil e abuso sexual de crianças do Brasil.

E parece que não tem autoridade que dê jeito. Mesmo o Ministério Público, as Prelazias, a sociedade civil, que poderiam fazer muito, não conseguem eliminar esse gargalo social. Criança no Marajó,

infelizmente, não é criança, é uma espécie de “pequeno adulto”, que nasce pronto para embarcar no “corre” da vida, incentivada, mesmo pelos pais, a enfrentar as marés mais difíceis da sobrevivência, como gente grande.

Quem chega ali pelas bandas de São João da Boa Vista, por exemplo, nem precisa de um olhar acurado para identificar a tragédia. Como na maioria das cidades marajoaras, o rio é quem manda na vida das pessoas, criando pequenas Venezas maltrapilhas enfurnadas em furos d’água, cidades movediças incrustadas em existências aquosas, com gente anfíbia.

Se nas áreas urbanas a criança gosta da rua (pelo menos aquelas que não estão presas em seus celulares), no Marajó a rua é o rio e é lá que toda a molecada gosta de estar. Mais do que isso, o rio é sustento, é refúgio. É onde se erguem cidades inteiras em palafitas fincadas – barracos, algumas vezes, sem paredes ou banheiro –, confiadas ao movimento das águas.

Portanto, a vida acontece nos pequenos portos que circundam a cidade, ponto de encontro das gentes e dos bichos. Na entrada de cada vila pode-se ver crianças correndo por sobre pontes improvisadas, disputando espaço com cachorros e urubus, todos esqueléticos e famintos.

Ao mesmo tempo que brincam, carregam consigo fardos de família comerciáveis em forma de bombons, peixe fresco, verduras ou até jornais com notícias da capital, que serão vendidos já defasados, retratos do passado de um país que nunca se fez presente.

Não poucas vezes, podemos ver o rio polvilhado de canoinhas que singram pelas águas, peçadas de crianças. Vão remando a favor da maresia, sem distinguir recreação e trabalho, divertimento e perigo. Correm de barco em barco, visando os maiores, as

balsas estrangeiras, em que poderão pedir esmolas, vender bugigangas e até a si.

Sim, porque muitas colocam o seu corpo infante à disposição, tornando-se crianças-coisas. Com o corpo colonizado, conseguem comida, roupas, brinquedos, até óleo diesel, como paga barata em troca de sua própria inocência. Não perdem com isso só a infância, perdem a humanidade.

Desde a mais tenra idade, tal dinâmica cruel forja as “prostitutas das balsas”, que nada mais são do que crianças sem infância, crianças carregando outras crianças na barriga, famintas, sonhadoras, que sonham em se casar com um forasteiro – um “gaúcho” –, que lhes resgate da miséria e as levem para bem longe, onde poderão depor os seus fardos, se despir de suas misérias.

Em uma de minhas últimas visitas à região, encontrei uma família que vendeu seis de suas crianças em troca de uma cesta básica. Perguntei para mãe o que a motivou a fazer aquilo. Ela me disse, cabeça baixa, que preferiu deixar as crianças irem para a capital, em famílias que pudessem lhes conceder um futuro mais digno do que teriam naquelas margens, onde cresceriam e morreriam antes do tempo.

Naquele dia, choramos juntos, um choro que irrompia de uma fonte inesgotável, uma nascente no fundo da gente. É que eu tinha, finalmente, entendido: no Marajó, a infância é lavada nas águas; primeiro, nas águas barrentas do rio Amazonas, depois, nas águas que brotam nos olhos de cada alma.



O AMÁVEL ESTRANHO

Ronaldo Dória dos Santos Júnior
Menção honrosa – categoria Crônica, 2021

89

Um belo domingo de sol. Um domingo vazio de afazeres, de amigos. Solitário. Cansado das paredes do quarto, dos móveis, de mim mesmo, resolvo sair. Coloco os pés fora de casa pela primeira vez durante todo o dia. O sol já começava a pintar de vermelho as nuvens no horizonte.

Ando a esmo, sem pensar na direção. Ao longo do caminho alguns conhecidos me cumprimentam. Chego numa pequena praça e decido sentar-me num banco mais afastado. Na quadra, uma partida de futebol, recheada de gritos e palavrões. Algumas crianças com seus pais, adolescentes em grupos animados, alguns casais bonitos e jovens. Desvio o olhar, porque tanta beleza e juventude me dão uma pontada de amarga inveja. Concentro-me na árvore frondosa no centro da praça, nos galhos que dançam com o vento que começa a ficar mais forte.

Uma bola acerta minha perna. Logo surge um garotinho que a apanha e se mantém parado diante de mim, olhando-me fixamente. Terá ele medo de mim?

– Pede desculpas pro moço, Juan!

Um sujeito se aproxima, obriga o garoto a se desculpar. Quando me vê, diz:

– Júnior! Quanto tempo, cara!

Somos velhos amigos de infância. Não lembro a última vez em que conversamos. Eu soube do seu casamento através das redes sociais, também pela internet soube que ele seria pai. E agora seu filho já tem quase quatro anos. Há pelo menos seis anos que não nos vemos, morando a alguns quarteirões de distância.

Dizem que homens casados tendem a engordar. Meu amigo, contudo, ainda mantém o mesmo porte atlético. Talvez não esteja casado por tempo o suficiente. Observo o seu menino. Impressionante como se parece com o pai! Deve ser realmente fantástico acompanhar o crescimento de um filho, uma cópia em miniatura de si mesmo.

Não temos muito sobre o que conversar. Fomos melhores amigos, e é triste constatar que não nos conhecemos mais. Relembramos velhas histórias, amigos em comum, o tempo de escola. Falamos sobre os que se casaram, os que se mudaram para longe, os que já morreram. Esses tipos de encontro são sempre nostálgicos, o que não faz muito bem ao meu atual estado de espírito.

Começa a escurecer. O pai decide que já é hora de ir embora, sob protestos do filho, que deseja brincar um pouco mais. Decido acompanhá-los. Eles moram muito perto do lugar onde moramos quando éramos crianças, então todo o trajeto me é dolorosamente conhecido. Quando foi que tudo ficou tão diferente? As árvores onde costumávamos subir já não existem mais. Eu tinha uma árvore preferida, dela eu conhecia todos os galhos, todos os cantos. Muito magro, me deixava ficar no lugar mais alto, me acomodava no

emaranhando de ervas de passarinho e balançava ao sabor do vento, que não me fazia medo.

Ruas asfaltadas, algumas crianças reunidas, totalmente submissas à ditadura dos celulares. Passo em frente à casa onde morei. O mesmo portão ainda azul, a mesma pobreza, poucas modificações. A casa que visito em sonhos recorrentes. Talvez um dia eu a compre de volta, numa tentativa infrutífera de atar as duas pontas da vida.

“Eu senti sua falta, meu amigo”, pensei, enquanto apertava sua mão. Mas não era a falta dele que eu sentia, porque acabei de conhecê-lo. Esse homem em pé diante de mim, apertando a minha mão e sorrindo um bonito sorriso corrigido por aparelhos, esse homem é um estranho, um completo e amável estranho. A saudade que sinto é do garoto de boné e dentes tortos que costumava ser meu melhor amigo.

Nós nos despedimos com as usuais e falsas promessas de manter contato, de marcar qualquer coisa, qualquer dia. Abaixei-me e apertei a pequenina mão do Juan. Nos seus olhos, escuros como os do pai, eu vi um pouco da minha própria infância, tão distante, tão saudosa. Continuei andando, sozinho, por mais algum tempo. Depois caminhei de volta para casa, deserto e sombrio por dentro como tudo o mais ao meu redor.



BIOGRAFIAS RESUMIDAS DO JÚRI

ANA CLARA OLIVEIRA MELO. Nasci em Salvador/BA, mas Brasília é a cidade que me viu crescer. Em 2021, completo 17 anos. Sou estudante e, atualmente, curso o 3º ano do ensino médio. Esta foi minha primeira experiência como jurada em concurso literário. Gostei, pois li muitos textos bem legais.

ELIANA VALENTIM DE MELO. Nasci em Campina Grande e fui criada em Brasília. Sou apaixonada pelo Rio de Janeiro e, hoje, resido em São Gonçalo/RJ. Servidora pública aposentada há 11 anos, apreciadora de uma boa conversa e amante da leitura. Leio, em média, 9 livros por mês. Preciso de poucas coisas para ser feliz. Ler é uma delas.

GABRIEL ALVES DE SOUZA. 21 anos, natural de Corrente/Piauí. Poeta, cronista, cordelista, contista, autor do livro "Vô dizer, menino!", viajante, acadêmico de Pedagogia – UESPI, fotógrafo, ciclista, campista, embaixador do movimento internacional Juventude Lixo Zero – Piauí. Idealizador do projeto Biblioteca Comunitária Alegria do Saber e cocriador técnico do

projeto Escrita Nota Mil. Assino, junto a dois outros columnistas, a coluna “Memórias Narradas”.

JULIANA EHLERT. Nasci em Giruá, interior do Rio Grande do Sul. Rodei por vários cantos do Brasil – Maranhão, Pará – para vir me naturalizar brasileiro a partir da adolescência. Cursei faculdade de Psicologia e, no campo profissional, também viajei por diversos espaços: Cultura, Educação, Saúde. Sempre gostei de histórias e sigo sendo leitora ávida, de livros e de pessoas.

JULIANE EMILIANO. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso e mestre em Teoria Literária, pela Universidade Federal de Uberlândia, trabalho como professora de Literatura e Português. Sou apaixonada por narrativas literárias e fantásticas. Nasci em São Vicente (SP), porém, atualmente, vivo em Curitiba (PR).

94

MARIA LUÍZA MESQUITA MARTINS. Nasci em Brasília, mas já morei em João Pessoa e em Roraima. Voltei para minha cidade natal e passei a maior parte da vida aqui. Tenho 17 anos e curso o 3º ano do ensino médio. Participar como jurada em um concurso literário foi um processo muito enriquecedor.

OLGA SOARES DE CARVALHO. Graduada em jornalismo, pós-graduada em Gestão Pública, aposentada após 38 anos de trabalho. Fascinada pela área de RH. Baiana de Urandi, criada em Goiás e brasileiro de coração. Mãe de 2 filhos e avó de 3 lindas princesas. Apreciadora de bons livros, encantada pelo cerrado; aprendi a amar e a respeitar a natureza, fazendo desta dedicação um novo estilo de vida.

RENATO CASTELO DE CARVALHO. Potiguar da turma de 47. Publiquei três livros com poemas e um de contos e narrativas. Dois CDs autorais gravados e dois em fase de produção. Fui funcionário público por mais de 40 anos. Aposentei-me e, atualmente, dedico-me a escrever e a cantar o que escrevo.

Obra preparada pela Assis Editora Ltda.
(34) 3222-6033 (MG)
AE.2008-05.08.2021(180)-21-0131(N)
em 12 de agosto de 2021.
Formato: 14x21 cm. eBook PDF.
